

O FAZER MUSICAL NO COTIDIANO DA PRIMEIRA INFÂNCIA

ALINE REDÜ¹; KETHLEN OLIVEIRA²;

EDSON PONICK³:

¹*Universidade Federal de Pelotas – alineredu79@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – kethlen.o.bohm@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas– edsonponick@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho reflete sobre a importância da experiência musical como forma de expressão na infância e os benefícios dessa prática. Os estudos nas disciplinas de Artes nas infâncias I e II, ministradas pela Profa. Dra. Diana Paula Salomão e pelo prof. Dr. Edson Ponick, e na disciplina de Educação Musical, ministrada pelo professor Edson, serviram como base para as reflexões e a análise aqui apresentadas. A partir dos textos estudados e das experimentações em aula, as autoras foram sensibilizadas e puderam observar nas suas rotinas (uma, exercendo experiência inicial na educação infantil, e outra exercendo a maternidade), como e quando as crianças fazem música.

Com essa escrita, buscamos evidenciar uma educação musical não utilitária ou contextualista (ROMANELLI, 2014), mas sim dos sentidos e da fruição. Destacamos como apporte teórico as seguintes obras: “Ferramentas com brinquedos: a caixa da música” (Brito, 2010); “Por uma educação musical do pensamento: educação musical menor” (BRITO, 2009); “Criatividade na educação musical: para pensar as pedagogias ativas e criativas um século depois” (MADALOZZO, 2022), “Antes de falar as crianças cantam! Considerações sobre o ensino de música na educação infantil” (ROMANELLI, 2014) e Barulhar: a música das culturas infantis (LINO, 2010). Com base nos artigos estudados e nas experiências observadas, as autoras pretendem discutir sobre o fazer musical na infância, bem como analisar os benefícios que a experiência musical pode trazer para o desenvolvimento integral da criança.

Neste contexto, o fazer musical não deve ser limitado a uma mera repetição de canções ou à prática instrumental de forma tradicional como forma de conhecimento passivo, mas sim compreendido como um processo criativo (MADALOZZO, 2010) e lúdico, que respeita as particularidades de cada criança. Nesse sentido, as autoras defendem uma abordagem pedagógica que privilegie a educação musical dos sentidos, onde a música é vivenciada como uma forma de fruição e prazer, e não apenas como um instrumento de desenvolvimento cognitivo. Tal perspectiva reflete as ideias de Brito (2009; 2010), que propõe uma educação musical menos tecnicista e passiva e mais voltada para o desenvolvimento sensível das crianças.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades realizadas foram desenvolvidas com o objetivo de proporcionar às crianças oportunidades de vivenciar a música de forma sensível e criativa, seguindo as reflexões teóricas dos autores estudados. Cada autora vivenciou o fazer musical com crianças em um contexto diferente: uma delas com

uma turma do maternal, com faixa etária de 03 anos, no período em que participava do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência (PIBID). Enquanto a outra autora desfruta de uma experiência mais extensa (e intensa), observando e desenvolvendo experiências musicais com os próprios filhos, de idades distintas, 03 e 07 anos, atualmente.

Durante a execução da atividade realizada no PIBID, as crianças foram incentivadas a explorar diversos sons, utilizando materiais não convencionais como panelas, colheres, tampas e garrafas plásticas, além de instrumentos musicais simples, como pandeiros e tambores. Essa atividade foi inspirada na ideia de Brito (2010) e Romanelli (2014) de que as crianças fazem música com o que têm à disposição, explorando espontaneamente as possibilidades do ambiente.

A partir da atividade, foram observados vários benefícios no desenvolvimento das crianças. Primeiramente, elas demonstraram uma expressão musical espontânea, utilizando objetos do cotidiano para explorar os sons. A liberdade para improvisar sem regras promoveu a autonomia das crianças, que passaram a compor suas próprias criações musicais.

O caráter lúdico das propostas facilitou o engajamento das crianças, reforçando uma relação prazerosa com a música. Por fim, além de contribuir para a expressividade musical das crianças, a prática contribuiu para o desenvolvimento de outras áreas, como a linguagem, coordenação motora e criatividade, apesar de estes não serem os objetivos da atividade desenvolvida.

Em uma segunda perspectiva, é notório que a maternidade é uma vivência profunda e de muita troca de conhecimentos. Significar ser o suporte para o desenvolvimento de um novo ser pode se tornar uma inspiração para uma visão mais estética do dia a dia, transformando pequenos espaços da rotina em tempos de experimentação, ou simplesmente criando espaços de “vazio” para a criança ocupá-los da maneira que quiser.

As crianças expressam com seu corpo a sonoridade que as constituem (formada a partir da suas experiências culturais e sociais) assim o fazer musical surge nas suas brincadeiras e como brincadeira, evidenciando a necessidade do corpo se expressar sonoramente, dando conta de expor sentimentos que a criança possa não estar conseguindo entender. O barulho da brincadeira das crianças vai muito além de um possível incômodo para as pessoas adultas. Segundo Lino (2010), barulhar é o ato de fazer barulho, de sonorizar sem prévia sistematicidade e determinação. Ela destaca ainda:

Assim, o barulhar é o atrito do corpo com o real que brota da criança que experimenta o mundo; não como música, som, ruído ou silêncio, mas como espaço do espírito ou do pensamento tornado ação na pluralidade das discursividades que a criança decide manipular, e/ou nas singularidades que lúdica e poeticamente expressa (Lino, 2010, p. 85).

As situações a seguir aconteceram em espaços vazios na rotina, porém cheios de significação e expressão.

A escada caracol ficava atrás do sofá, entre a cozinha e a sala, lugar de bastante circulação das crianças. Rápido elas descobriram a sonoridade da escada de metal; a criança de 11 meses ficava no primeiro degrau sentada e batendo com as mãos ou algum brinquedo, enquanto balbuciava, falava algumas palavras. Segundo Romanelli (2014), os bebês fazem música quando percutem uma colher sobre a mesa, quando a principal intenção é explorar o resultado sonoro decorrente.

Em outro momento, a criança de 5 anos, sentada mais acima da escada, ficava com as pernas suspensas fingindo tocar um piano, enquanto entoava os sons das teclas com a boca. Ao ouvir era possível identificar a música que ele “tocava”. As crianças não moram no mesmo local atualmente, mas sempre que falam sobre essa casa a chamam de “casa da escada caracol”.

Ao oferecer a escuta de músicas para as crianças, sempre houve o cuidado de ofertar músicas infantis poéticas, com a principal intenção de apreciar a arte. Naturalmente elas têm acesso a músicas não pensadas para crianças, mas também apropriadas e não fazem distinção entre elas, pelo contrário, às vezes pedem para ouvir.

A mãe ouviu a mesma lista de músicas durante alguns dias na cozinha na hora de preparar o almoço, e dançou com a criança a música em especial. Em outro momento, a criança de 03 anos estava brincando no pátio, ouviu a música novamente, entrou na cozinha e perguntou: “De quem é essa música?” A mãe ficou surpresa, confirmou a pergunta e em seguida respondeu, criança complementou: “Eu gosto dessa!”

Em uma das atividades desenvolvidas na disciplina de Educação Musical, as autoras participaram de uma oficina de confecção de instrumentos musicais com materiais reutilizáveis. No dia seguinte a autora apresentou aos filhos os instrumentos; logo a criança de 07 anos exclamou: – É isso que se faz na faculdade? Eu quero ir para lá!

Ao começarem a manusear os instrumentos, os que mais chamaram a atenção foram o chocalho (feito com uma caixa de fósforos e pedrinhas, revestido com uma folha de papel) e o tambor (feito com lata de leite e garrafa pet) ao invés de outros com fitas coloridas e decorados. Enquanto tocavam e cantavam, um instrumento desmontou, era uma maraca (feita com cabo de cano, arame e tampinhas). A criança de 03 anos rapidamente improvisou um outro instrumento como se fosse um reco-reco. Durante as observações, evidenciou-se a criança como ser musical e também a música como elemento essencial para o seu desenvolvimento, sua expressão e sua formação estética (Lino, 2010).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto na escola, como em casa, as crianças estão na maior parte do tempo sob a expectativa de cumprir atividades e metas propostas para seu desenvolvimento visando o futuro. Muitas vezes, essas metas estão alheias à realidade e necessidades da criança naquele momento. Em contrapartida no fazer musical, a máxima experiência de criação poética ocorre durante os períodos de improdutividade e liberdade. Nesses tempos de liberdade, que acima chamamos de vazios, a criança experimenta uma relação consigo mesmo, com os pares, com os adultos, com o corpo e com a paisagem sonora ao seu redor. Sobre o barulhar, Lino (2010) destaca:

Esse é um encontro íntimo, porque relacionado à afetividade e à sensibilidade, que escuta a inseparabilidade entre arte e vida e suspeita que precisamos do barulhar das crianças e, para tê-lo, havemos de respeitar seu direito de viver a música em sua intensidade dinâmica (Lino, 2010, p. 86).

Através da análise dos estudos e das práticas realizadas, percebe-se o quanto a educação musical, quando realizada de forma lúdica, prazerosa e respeitando as especificidades das crianças, se torna benéfica para o

desenvolvimento integral da criança, promovendo não só a aprendizagem musical mas também o desenvolvimento total do ser, expandindo a criatividade, o sentimento de pertencimento e criando relações de envolvimento e afetividade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Teca Alencar; **Por uma educação musical do pensamento: educação musical menor.** Disponível em:
<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/233> Acesso em: Agosto de 2024.

BRITO, Teca Alencar; **Ferramentas com brinquedos: a caixa da música.** Disponível em:
http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed24/revista24_artigo10.pdf Acesso em: Agosto de 2024.

LINO, Dulcimarta Lemos. **Barulhar: a música das culturas infantis.** Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 81-88, set. 2010.

MADALOZZO, Tiago. **CriAtividade na educação musical: para pensar as pedagogias ativas e criativas um século depois.** Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/362529953_CriAtividade_na_educacao_musical_para_pensar_as_pedagogias_ativas_e_criativas_um_seculo_depois Acesso em: Agosto de 2024.

ROMANELLI, Guilherme Gabriel Ballande. **Antes de falar as crianças cantam! Considerações sobre o ensino de música na educação infantil.** Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/466277052/Artigo-Antes-de-falar-as-criancas-cantam-pdf> Acesso em: Agosto de 2024.